



As traduções de Lacan: da letra à consequência

Alain Mouzat

Não vai faltar o olhar de compaixão para aquele coitado condenado a ler Lacan em português. Em francês é outra coisa... Afinal as traduções de Lacan são boas ou não?

Do ponto de vista do tradutor, a dificuldade pode aparecer nos termos: os impasses das línguas já derrubaram mais de um tradutor: como resolver a diferença entre o *moi* e o *je* ? – se interroga Betty Milan.

Aos poucos a terminologia lacaniana se determinou, em parte, presa à tradição (porque conservar o “fantasma” francês e não voltar à “fantasia” freudiana?) e em parte, à tradução literal imposta pelas dificuldades que a coerência da obra acarreta: tal expressão que parecia apenas metáfora da língua usual é retomada algumas páginas depois, ou até alguns anos depois, como significante central. Os psicanalistas e os leitores de Lacan já se acostumaram com esse linguajar peculiar do lacanês, onde “semblante” quer dizer aparência e “fazer semblante”, fazer de conta.

As escolhas atuais das traduções da Jorge Zahar, tanto para os seminários como para os diversos *scripta* de Lacan parecem obedecer ao princípio de precaução: não arriscar. Não faltariam teóricos desconstrutivistas da tradução para denunciar aí uma sacralização do original, um logocentrismo engessando a obra de Lacan em discurso do mestre (Os desconstrutivistas universitários, pelo menos brasileiros, adoram uma lacanagem).

Alain Grosrichard nos avisou em agosto: não se deve confiar no texto lacaniano; um texto sempre pode esconder outro, um prefácio à edição inglesa de um seminário de 64, pode acabar como o último escrito de Lacan... escritos aliás que fazem o impossível para denunciar o estatuto da publicação do escrito: « *lex est scriptum* » diz a tradição do direito. Pode-se então conceber o aparelho lacaniano, que ele implementa nas suas *pouvellications* (notas, renvois, prefácios posteriores, posfácios anteriores, versões posteriores, retomadas, contradições, mentiras descaradas do tipo: “eu sempre disse

isso” « je n’ ai jamais dit autre chose ») como um aparelho de derrubada do significante da sua posição de mestre; em suma « vocês nunca vão conseguir me transformar num « maître à penser », num pensamento « prêt-à-porter ».

Há que se duvidar que exista um “texto original” lacaniano.

Quando se fala dos seminários, então.... ! estenografados, estabelecidos por JAM, traduzidos por vários tradutores (a equipe evoluiu entre o início da publicação dos primeiros seminários até hoje), mas ainda bem, quem quiser conferir, há os “ originais” *on line*, digo “os” porque há vários, sem contar as versões não autorizadas, as traduções piratas, etc... quem vai confiar?

Lacan nunca escondeu o procedimento, até falou muito claramente: « queremos com o percurso de que esses escritos são os marcos e com o estilo ditado pelo seu endereçamento, levar o leitor para uma conseqüência onde ele terá que colocar algo de si”.

« Levar o leitor para uma conseqüência onde ele terá que colocar algo de si”.» é a resposta que permite evitar a sacralização da letra e o relativismo desabusado: é mesmo a possibilidade de transformar um texto em possibilidade de transmissão de saber.

Alain Grosrichard nos tinha dado sua receita: “meu modo de gozar de Lacan é fazendo surgir encontros inesperados na obra de Rousseau, na pintura, etc. enquanto o modo de Jean-Claude Milner, (por exemplo) é traçar avenidas conceituais na obra lacaniana. Cada um tem seu modo de inscrever seu gozo singular na obra de Lacan.”

O que garante a verdade de uma interpretação?

“Se a experiência analítica acha-se implicada, por receber seus títulos de nobreza do mito edipiano, é justamente por preservar a contundência da enunciação do oráculo e, eu diria ainda, porque a interpretação permanece sempre nesse mesmo nível. Ela só é verdadeira por suas conseqüências, tal como o oráculo. A interpretação não é submetida à prova de uma verdade que se decida por sim ou não, mas desencadeia a verdade como tal. Só é verdadeira na medida em que é verdadeiramente seguida.

De um discurso que não fosse semblante (p.13)

Portanto o que garante a verdade da psicanálise é que há análises: a transmissão da psicanálise se dá, muito além da letra dos textos, nas conseqüências que se dá a esses textos, na própria análise, na clínica.

Jean-Claude Milner, na *A Obra Clara*, já explicitou o fato de o saber analítico se dar além da letra: ele assim explica a transmissão de Freud a Lacan:

“Se para apreender o verdadeiro objeto da psicanálise é preciso fazer um retorno a Freud, isso implica que algo da psicanálise seja imune à diferença do alemão para o francês. Estritamente falando, não é um problema de tradução boa ou ruim; para ser mais exato, pode-se traduzir Freud melhor do que ele foi traduzido, mas na ausência de tradução apropriada, pode-se, mediante comentário e interpretação, dispensar uma tradução que daria fé [...] . l” (Paris: Seuil, p.126-127)

Que as traduções de Lacan precisem sempre serem refeitas, isso é bom: permite a cada um se confrontar com o texto e pode ser um bom exercício da transferência, mas há uma dimensão essencial à psicanálise que não passa pela letra e que é da dimensão da consequência: é por essa dimensão que Jorge Forbes zela no IPLA: que cada um ponha de si, que cada besteira que cada um traz de si receba, não o tratamento do ideal, o que levaria ao idiota – mas que seja tratado pela causa e favoreça assim a geração de um analisando, de um autor, de um analista (Forbes 96)... ele próprio mostrando que “só se pode ir além do pai com a condição de saber se servir dele”.

Referências

- Forbes, Jorge; *As quatro posições subjetivas na produção do saber psicanalítico* (1996).
Lacan, Jacques; *O seminário livro, 18*, “De um discurso que não fosse semblante”, edit., Rio de Janeiro: Jorge Zahar (2009).
Milner, Jean-Claude; *L’Oeuvre Claire*, Paris, Seuil (1995)